

GUIA DE BOAS MANEIRAS

MARCELINO de Carvalho, intelectual e homem de sociedade de S. Paulo, bem viajado e bem vivido, é o autor desse "Guia de Boas Maneiras" que está sendo um *best seller* da Editora Nacional. Bem que eu tentei pegar o livro para a Editora do Autor, mas foi inútil: Marcelino o escrevera por encomenda e insistência do Otalés Marcondes. Contento-me em ser leitor — e confesso que nêle aprendi várias coisas que possivelmente me tornarão menos bronco, se é que em minha idade ainda se aprende realmente algo.

Marcelino me deu várias alegrias com êsse livro. Uma delas foi vê-lo condenar a regra segundo a qual a gente, dentro de um carro, deve dar a direita à mulher, ficando à sua esquerda. (Mulher ou sujeito mais velho ou mais importante.) Como o carro encosta à calçada do lado direito e é o homem que abre a porta para a mulher entrar e sair, acontece que o cavalheiro tem de passar duas vezes sôbre as canelas da senhora, com risco de pisar seu pé, principalmente quando se trata de carros pequenos e apertados. Direis que o homem pôde entrar e sair pela esquerda, mas no Rio e em S. Paulo isso quer dizer arriscar-se a um atropelamento — e não é "bem" ser atropelado quando se faz companhia a uma dama.

Também me alegrou a aprovação do hábito de passar um pedaço de pão com miolo no prato para aproveitar o mólho — o que Marcelino só não recomenda nos grandes jantares protocolares — "mas nesses jantares geralmente se come mal" — acrescenta êle. Na Grã-Bretanha êsse procedimento também é mal visto — mas também se come mal na Grã-Bretanha, acrescento eu, pensando naquele negregado cheiro de sebo de carneiro que envolveu meus melancólicos jantares em restaurantes caríssimos de Londres.

A certa altura Marcelino recomenda: "não cochiche quando houver mais pessoas na roda". Acho a recomendação severa; vamos que se peça licença

para cochichar e se cochiche pouco tempo. Mas proibir o cochicho seria vedar o ingresso em sociedade de todo o PSD, que domina o Brasil há tanto tempo na base exclusiva do cochicho. . .

Escreve Marcelino: "Cuidado com os cotovelos à mesa. A boa maneira condena êssa atitude feia por todos os motivos." Eu pediria ao autor que na próxima edição restringisse êsse veto a jantares de grande cerimônia — e nos outros permitisse pelo menos um dos cotovelos na mesa, pois ninguém me tira da cabeça que uma das funções da mesa é servir de apoio ao cotovêlo humano, e para isso ela é modulada em relação à altura do assento da cadeira. Um cotovêlo só, Marcelino! E, pelo amor de Deus, não decrete assim, sêcamente, que o *smoking* exige sapato verniz, velho instrumento do tortura que o bom-senso carioca aboliu há muitos anos.

Outra coisa impraticável no calor do Rio é essa sentença do autor: "em casa um homem veste pela manhã *robe de chambre*, que esconde o pijama com o qual dormiu"; e ainda recomenda, caso possam aparecer pessoas não muito íntimas, um lenço no pescoço. Advogo, do Rio para o Norte, o uso caseiro do *short*, na maior parte do ano. E acho que, se vivesse algum tempo no Rio, Marcelino seria menos severo ao exigir que a mulher tenha sempre meias, a não ser quando usa sandálias de praia. Ah, Marcelino, a graça das pernas queimadas e nuas das cariocas!

Para terminar, eis aqui uma frase liberal do autor: "não se acanhe de carregar pacote na rua, havendo necessidade". Isso me consola, pois sempre fui um grande carregador de pacotes, contrariando o que dizia um grande e finado escritor paulista (conhecido meu e de Marcelino), que uma vez sentenciou: "Um rapaz bem, não pode levar nada nas mãos, na rua. A não ser flores — ou um melão".

E explicou mais, num requinte:

— Um melão nu.